



DA RESISTÊNCIA À RESSURGÊNCIA: A HISTÓRIA DO POVO INDÍGENA PURI NA RESISTÊNCIA E MANUTENÇÃO DE SUA CULTURA

Marta Regina Alves¹, Fabiana Marques Ferreira², Robson da Silva Oliveira³
Orientadora: Profa. Dra. Adriane A. Moreira de Souza⁴

¹Graduanda em Geografia - Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes,
Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,
ti.reginaalves@gmail.com

²Graduanda em História - Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida
Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,
fabianamarques14ok12@gmail.com

³Mestrando em Planejamento Urbano e Regional - Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP),
Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IP&D); Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos
Campos, SP, cep. 12244-000; e-mail: robs_pjsic@hotmail.com.

⁴Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), Faculdade de Educação e Artes (FEA) ; Av. Shishima
Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos, SP, cep. 12244-000; e-mail: adriane@univap.br.

Resumo – Este artigo tem como o objetivo iniciar uma discussão sobre a resistência e ressurgência do povo indígena Puri por meio de uma revisão bibliográfica e pelos depoimentos de Solange Reis, indígena e descendente Puri, que vem fazendo um trabalho de resgate da cultura e organização de seu povo. O presente artigo direciona a uma visão mais crítica e abrangente da história desse grupo no Vale do Paraíba, direcionando para o trabalho de resgate a cultura e organização que os Puris tem hoje, atuando no reconhecimento de seus descendentes e propagação da sua cultura para aqueles e aquelas que desconhecem sua origem destacando também a luta pelos seus direitos como cidadãos e cidadãs indígenas.

Palavras-chave: Resistência, Indígena, Ressurgência, Puri, Vale do Paraíba.

Área do Conhecimento: História

Introdução

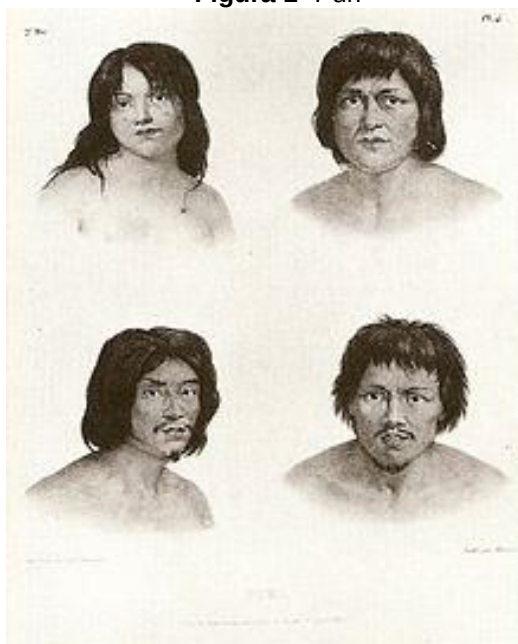
Na região do Vale do Paraíba, macro região que abrange as fronteiras de Minas e São Paulo; vê-se indícios, via a verificação historiográfica, da origem de diversos grupos indígenas que percorreram a região em busca de sobrevivência e manutenção de sua liberdade, ameaçada pela ação colonial que agia sobre diversas comunidades indígenas, sob o julgo do deslocamento, da desterritorialização, escravidão, fugas dos indígenas e outras situações. Entre os grupos indígenas afetados com a ação colonizadora na região Vale Paraibana, podemos destacar os Puris, Coroados, Ararís, Coropós, Caxaxenes, Tupinaki. Com o avanço da colonização, no começo do século XVI, várias etnias indígenas passaram a sofrer com a ação do contato com os colonizadores, que começaram a ocupar o Vale, entre as quais, os Indígenas da nação Puri, pertencentes do tronco linguístico macro-gê que representavam um dos mais populosos grupos indígenas da região do Vale do Paraíba. Segundo Benedito Preziosi:

Os Puris eram mais próximos dos Guaianá do que dos Guarulho, pois viviam nas regiões úmidas de São Paulo, como a Mata Atlântica da Serra do Mar e o Vale do Paraíba. Seu território estendia-se por todo o vale, até o Rio de Janeiro. Com a ocupação brasileira, foram empurrados para o Vale do rio Pombo, em Minas Gerais. Eram baixos e alimentavam-se de pinhões e coquinhos da palmeira ariri. Para se abrigarem da chuva e do frio, faziam simples ranchos em folhas de palmeiras, dormindo em redes feitas de casca de árvore. Eram de temperamento dócil, tendo tido bom relacionamento

com os portugueses, com os quais comercializavam arcos, flechas e um bálsamo muito apreciado. (PREZIA, 2001, p. 20)

Os Puris, ditos como os senhores do Vale do Paraíba por Eddy Carlos (2017) era um grupo indígena de pequena estatura, como retratada na obra de RUGENDAS, 1835 (figura 1), e apesar de que julgados como agressivos e até mesmo canibais, eram pacíficos e nunca entravam em guerra, a não ser para defender as suas terras de outros grupos ou de outras agressões, (NEVES E VICTAL, 2015). Em documentos examinados não há qualquer notícia ou indícios da hostilidade, que seria plenamente justificável, dos Puris contra qualquer civilizado (REIS,1965)

Figura 1- Puri



Fonte: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/19931>

Neusa Fernandes e Olínio G.P. Coelho, no livro História e Geografia do Vale do Paraíba destacam que em 1562 já existiam escassos registros da presença dos índios Puris próximo às margens do rio Paraíba do Sul. Porém, notas mais seguras mostram que por volta do ano de 1587, os Puris entraram em contato com o homem branco na expedição explorativa do Vale, comandada por Domingos Luis Grou. Em 1591 fica confirmada a presença dos índios no Vale do Paraíba por meio de relatos da Câmara de São Paulo. A confirmação definitiva surge em 1680 quando o capitão Antônio Raposo de Barretos em uma de suas “Bandeiras” de caça aos índios refere-se a “quarenta Puris que seu filho teria trazido da Serra da Mantiqueira” de acordo com os autores FERNANDES e COELHO (2013, p. 83)

Com a abertura do Caminho Novo intensificou a movimentação no Vale do Paraíba, permitindo que os colonizadores e exploradores brancos se embrenhassem pelas matas fechadas, confrontando-se com os índios Puris que, dominados, foram empregados nas explorações da nova terra. Vários relatos sobre os indígenas, feitos por viajantes e escritores da época, definiram o perfil desses habitantes do Vale do Paraíba. Fica clara, então, a presença dos índios Puris na região. (FERNANDES, COELHO, 2013, p.83)

Os grupo indígena Puri, passou ao longo de sua história um contexto de resistência, principalmente no âmbito da colonização, pois não aceitaram o fato de serem aldeados. Eles se espalharam por todo o Vale do Paraíba e outros lugares como Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde dispõe, na atualidade, grande parte dos descendentes Puris.

Os índios Puris ocuparam uma grande parte do Vale do Paraíba, conforme podemos constatar a partir da afirmação de diversos autores, localizando-se em São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Guaratinguetá, Lorena,



Canas, Cachoeira Paulista, Bananal, estendendo-se até Minas Gerais e no Rio de Janeiro, em Angra dos Reis. (FERNANDES, COELHO, 2013, p.83)

Embora conhecidos como um dos primeiros habitantes do Vale do Paraíba, já caracterizados como nômades, transitaram também por muitas regiões em defesa de sua etnia e autonomia, o que resultou numa grande dispersão cultural dos Puris ao longo desses anos. Com isso, alguns projetos de cunho ativista, como o realizado em São Fidélis, Minas Gerais, cuja principal ideia é a retomada da cultura e costumes indígenas e a afirmação de que os povos não estão extintos e sim se espalharam por alguns lugares do território brasileiro, resultado da fuga executada na época da colonização. Na entrevista publicada em 2016, realizada com a Opetahra Puri, Solange Reis, para a SF Notícias, há o retorno da ideia de resistência, trazendo à tona questões como a retomada da cultura e a ressurgência Puri:

E como indígena e divulgadora da cultura, né, então eu quis fazer o resgate aqui em São Fidélis dos Puris que existem aqui ainda, que ainda não se descobriram, entendeu? E quando eu chego perto e falo que tem Puri, eles começam a lembrar, eles voltam ao passado. (REIS, 2016)

Mais adiante na entrevista Solange Reis relata a importância da retomada da cultura e sobre a ressurgência Puri:

Então é por isso que hoje o Puri ainda existe, porque ele resistiu, é resistência indígena Puri, nós somos resistentes, e agora nós estamos ressurgindo, nós somos ressurgentes de resistência". (REIS, 2016)

Isto posto, vê-se na pesquisa a importância da compreensão da cultura indígena, especificamente a Puri, para a reconstrução de uma imagem de resistência que busca até os dias atuais a sustentação de sua origem. Deste modo, refletindo sobre a negligência quanto às questões coercivas em que o indígena é submetido no Brasil; atenta-se o olhar ao modo de como se repetem os aspectos repressores dos processos de sua história.

Desta forma não podemos tratar como vítimas, mesmo que em situação desfavorável de forças, mas são sujeitos sociais que constroem sua própria luta, e trazem como possibilidade a transformação. Para Bensaid, a resistência toma partido pelo que está ameaçado: uma cultura, direitos, conquistas (2001, p.37). Não basta que os indígenas tenham sobrevivido, mas que mantenham sua existência como indígenas em suas terras, orientados pelas sua cultura e modo de organizar e viver em seu território.

Metodologia

Utiliza-se para a metodologia desse artigo, em sua maior parte, o depoimento em vídeo disponível na internet, da indígena Solange Reis (Opetahra Puri), líder da Resistência Puri, em visão de dar a voz direta ao "objeto de estudo" Além disso faremos uma revisão bibliográfica sobre a presença dos indígenas de etnia Puri no Vale do Paraíba.

Discussão

A ideia de que os indígenas do Brasil no período colonial desapareceram e/ou perderam sua identidade, baseada na História tradicional, é debatida e combatida na historiografia recente. Os nativos não podem ser reduzidos a meras vítimas da conquista, isso exclui a ideia de que os próprios tomavam a iniciativa para resistir em uma luta pela sobrevivência. Eles jamais aceitaram, sem resistência, a dominação do europeu.

Diante de toda ação colonizadora, que desarticulou, escravizou e, em diversos casos, fez sucumbir as diversas populações indígenas no Brasil, evidenciamos facilmente que muito do que foi escrito é refletido a ótica colonizante. O que, definitivamente, não é diferente com os Puris. Esse grupo que ainda hoje luta para ter não só suas terras reconhecidas, mas, também, sua permanência na sociedade contemporânea. Segundo Benedito Prézia (2001), em virtude de seu caráter nômade, nunca aceitaram o aldeamento missionário. Pouca coisa resta hoje desse grupo, exceto algumas palavras recolhidas por viajantes no século XIX." (PREZIA., 2001)

Antes de refletirmos sobre sua atual forma de resistir diante de seu "ressurgimento", precisamos compreender que a resistência sempre se fez presente nos Puris, primeiro como uma resistência de



sobrevivência. Não aceitaram o aldeamento imposto pelos portugueses, o que pode ter sido considerado para o discurso colonizador, como rebeldes em alguns escritos. Aos primeiros sinais de repressão ou controle dos colonizadores os Puris, encontraram na migração uma forma de manterem sua identidade e liberdade cultural preservada.

Essa ação colonial agia sobre inúmeras tribos indígenas de várias etnias, logo compreendia deslocamentos, desterritorialização, escravização, fugas dos índios e outras situações. O que leva, segundo registros, vários agrupamentos indígenas a percorrerem a região em busca de sobrevivência e manutenção de sua liberdade (OLIVEIRA, 2014, p. 42).

Porém, em consequência disso, suas terras “abandonadas” deixaram de serem suas. Por terem se escondido, foi fácil os considerar como extintos, logo, aquelas terras pertenceriam a um povo morto. Que é o que Opetahra Puri, ativista da causa, critica diretamente em sua fala na entrevista em vídeo sobre a história de resistência Puri. “Se você não tem herdeiros e você morre, pra quem que fica suas terras? Pro governo né”. Naquele primeiro momento a forma de resistência foi se manter independentes e livres dentro de sua própria cultura, mas acabaram se dispersando por vários lugares além do Vale do Paraíba. Assim, o grupo indígena foi fragmentado entre si durante longos anos.

Os avanços das fronteiras coloniais, o contato dos índios com o colonizador e a formação das aldeias como um espaço ressocializado, fez surgir a desconstrução e a construção de uma identidade indígena. (OLIVEIRA, 2014, p.54)

Podemos destacar que todo esse processo de contato com as diversas etnias fez nascer uma espécie de cultura de resistência dos índios. Mesmo com a formação dos aldeamentos que se davam nas maiorias das vezes pelo conflito, as populações indígenas criavam uma cultura adaptativa que resistia a cultura colonizadora.

A vida na aldeia fez com que a convivência entre os índios de várias etnias, criasse a desconstrução e construção de uma nova cultura de resistência. Assim, o espaço na aldeia deixa de ser um espaço apenas do colonizador, mas também do índio, tornando-se não apenas uma vítima, mas ator histórico e protagonista em todo o processo, dialogando e se distinguindo dos demais grupos históricos. (OLIVEIRA, 2014, p.49)

Em seu trabalho, Paulo Pereira dos Reis discorre sobre a presença dos Índios Puris no Estado de São Paulo, partindo de documentos primários e relatos dos viajantes no século XIX, destaca que os Puris eram “nômades por excelência”, sendo assim inapta a organização social portuguesa, não conseguindo suportar a vida sedentária dos aldeamentos, e viam-se o retorno ao seu “habitat”, escolhendo muitas vezes fugir, ou muitas vezes dispersar-se para o sertão entre viver até sua morte, muitas vezes prematura, por conta da vida monótona imposta pelos colonizadores. (REIS, 1965, p. 152).

Para Proust (1997), a resistência se expressa em um misto de conservação e invenção, ela se manifesta como a resposta a uma situação, e não resumida em uma visão do passado ou vitimista dos sujeitos sociais:

Ainda menos se admitirá que falar de resistência é adotar um ponto de vista vitimista, como se o mal, a infelicidade e o sofrimento reinassem indivisíveis no mundo e que na falta de consentir ou de se resignar à infelicidade, o homem sofredor deveria se sacrificar como mártir. Certamente, é preciso supor, para falar de resistência, que a história ocorre sempre e “naturalmente” mal e que ela apenas ganha sobre as costas dos perdedores. Mas não se trata aqui de idealizar os vencidos ou heroizar os derrotados. Pois se os perdedores resistem, é para ganhar o espaço e o tempo, para transformar, ou mesmo devolver, a presente aparência das coisas. (PROUST, 1997, p. 12)

Por muito tempo os Puris foram retratados como uma etnia extinta dentro das discussões sobre os povos indígenas no Brasil. O IBGE em seu último censo realizado em 2010, reconheceu 675 Indígenas da etnia Puri, graças a sua resistência histórica, mesmo que pouco reconhecida nos estudos acadêmicos.



A invisibilidade das etnias indígenas muitas vezes também é caracterizada pela padronização da nomenclatura “indígena” nas pesquisas e censos, não somente por descuido metodológico de institutos estatísticos, mas também pelo desinteresse de pesquisadores, sociedade civil e Estado. Faz parte do imaginário nacional, que diluiu as muitas etnias numa única, e que se serviu do argumento da “mistura” étnica para a formação do povo brasileiro (LOURENÇÃO, SILVA, GUIRAL, 2013, p. 94).

Essa invisibilidade e padronização étnica e cultural são bastante comuns em sociedades multiculturais, nas quais, de acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (2011, p. 35), a questão da identidade étnica e seu reconhecimento vão se tornar ainda mais críticos:

Em tais sociedades a dimensão de identidade étnica relacionada com a da cultura tende a gerar crises individuais e coletivas. E com elas surgem determinados problemas sociais susceptíveis de enfrentamento por política pública, como por exemplo, as chamadas de políticas de reconhecimento.

Uma etnia pode manter sua identidade étnica mesmo quando o processo de aculturação no qual está inserida tenha alcançado graus altíssimos de mudança cultural (OLIVEIRA, 2006. p. 35); mesmo em um ambiente com uma lógica predominante controversa e contraposta à lógica das comunidades tradicionais.

Sendo assim podemos evidenciar atualmente outra forma de resistência e de ressurgência da etnia Puri, articulada e organizada pelos próprios indígenas. Solange Reis, também conhecida como Opetahra Puri mulher descendente indígena que luta, junto a outros com o mesmo desejo, pela notoriedade e pelo reconhecimento de seu povo por parte da sociedade e também pelo poder público e pelos órgãos defensores dos direitos indígenas.

Ela nos diz como é difícil à autodeclaração e aceitação indígena nos dias de hoje, pelos preconceitos ainda sofridos, o que leva a muitos Puris não saberem de suas próprias origens. Em seu movimento denominado “Resistência Puri”, Solange juntamente com outros indígenas fazem trabalhos de propagação da cultura como forma de sensibilizar e de reconhecer e organizar os próprios Puris que por muitas não se declaram indígenas por meio de pesquisas antropológicas também com a apresentação e disseminação da cultura e hábitos de seus ancestrais visando organizar a comunidade para conquistarem novamente a sua identidade enquanto grupo. Segundo Solange Reis:

Precisamos resgatar não só a nossa cultura, mas o nosso povo, com a intenção de juntar nosso povo e trabalhar a cultura, não podemos perder isso não, é nossa riqueza é nossa identidade. (REIS, 2016)

A Resistência Puri é atual via de resistência e de organização de uma etnia a tempos extintas como uma importante ferramenta de formação indenitária e de preservação de seu território, adquirida para o organização de seu povo.

O Puri não tem aldeia por que ele não aceitou, não aceitou a prisão e a escravidão. Então ele correu para a mata e se escondeu. Por isso o Puri ainda existe, porque somos resistentes, somos a resistência Puri e estamos ressurgindo, ressurgentes da resistência. (REIS, 2016)

Conclusão

Podemos evidenciar, que desde a colonização os povos indígenas vem resistindo a diversas ações de retirada de seus territórios e direitos. Os Puris, povo indígena em grande expressão no Vale do Paraíba Paulista e Fluminense, considerados extintos diante da historiografia e das organizações de defesa indígena vem a séculos se posicionando e resistindo diante das diversas formas de colonização, mesmo que de forma apagadas e sem amparos das políticas públicas.

Nesta breve reconstrução histórica e atual, pudemos evidenciar o esforço do povo Puri na reorganização de seu povo, por meio de um depoimento em vídeo de Solange Reis, indígena Puri, que tem nos possibilitado inúmeras conversas com sobre vários aspectos da resistência e ressurgência de seu povo. Identifica-se em sua voz o peso da desvalorização aplicada aos povos indígenas ainda no presente, sobretudo ao povo Puri. Ao mesmo tempo, seu depoimento expressa a esperança de que ainda terão o seu lugar. Assim a importância do Projeto Resistência Puri que vem alcançado diversos Puris dando a possibilidade de se reconhecerem dentro dos costumes de seu grupo indígena.



Agradecimentos

Queremos agradecer a Solange Reis por toda disponibilidade e atenção reservada a nós para a construção deste artigo. Que sua luta possa ser sinal de esperança para a vida dos povos indígenas. A ela toda nossa gratidão.

Também não podemos deixar de agradecer a Robson Silva, aluno do mestrado em planejamento urbano e a Márcia Raquel, graduando em História, por todas as conversas e dicas que tanto nos agregou e todo o auxílio que nos deu desde o início até o último momento. Esse artigo é nosso.

Referências

BENSAID, Daniel. **Resistencias**. Ensayo de topologia general. Barcelona: Ediciones de Intervención Cultural/ El Viejo Topo, 2001.

FERNANDES, Neusa, COELHO, Olívio Gomes P. **História e Geografia do Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras**, CREA-RJ, Prefeitura de Vassouras, 2013. 312 p.

KELLEN, Mirian. (Documentario) Puri, a origem do vale. **3 de jun. 2017. Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=HpAnxTGha-8&t=36s>. **Acessado em 28 de ago. 2018**

GUIRAU, Kárine Michelle ; LOURENÇÃO, A. M. R. ; SILVA, Carolina Rocha, A São Paulo dos Índios. In: **A cidade como local de afirmação dos direitos indígenas**, 2013, São Paulo.

NEVES, R. S. K. ; VICTAL, J. . **Ocupação indígena ao longo do Rio Paraíba o Sul no período colonial**. In: XX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas, 2015, Campinas. Anais do XX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas. Campinas: PUC-Campinas, 2015. v. 1.

OLIVEIRA, Enio Sebastião Cardoso. Subsistindo a Dominação: A Resistência Cultural dos Índios Puri diante do avanço das fronteiras colônias em direção dos Sertões de Campo Alegre no Médio Vale do Paraíba. **MONÇÕES Revista do Curso de História da UFMS/CPCX**, v. 1, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral. **Revista AntHropológicas-ISSN: 2525-5223**, v. 16, n. 2, 2011.

PROUST, Françoise. **De la résistance**. Paris: Les Édition de Cerf, 1997

REIS, Paulo Pereira dos. Os Puri de Guapacaré e algumas achegas à história de Queluz. **Revista de História**, v. 61, p. 117-158, 1965.

REIS, Solange. Resistência **Puri: Índia mantém viva a cultura de tribo fidelense**. Disponível em: <http://www.sfnoficias.com.br/resistencia-indigena-opetahra-puri-mantem-viva-a-cultura-de-tribo-fidelense>. 2016. Acessado em 28 ago. de 2018

PREZIA, Benedito. **Indígenas em São Paulo: ontem e hoje**. Paulinas, 2001.

Figura 1

RUGENDAS, Johann Moritz. Puri. 1835